

## LEITURA E CRÍTICA LITERÁRIA

Prof. Ir. Elvo Clemente

Livro recentemente publicado em coedição EDIPUCRS e Livraria Editora Acadêmica Ltda., trata dos principais problemas da leitura de textos literários em verso e prosa; indica os caminhos da Crítica Literária através de exemplos práticos e elucidativos.

Alguns títulos:

Leitura do texto literário / A crítica literária / Para que serve a Crítica / Crítica na Universidade e Imprensa / O crítico literário / Três estudos sobre Mario Quintana / Francisco Lobo da Costa / O crítico Machado de Assis / Tristão de Athayde / Erico Verissimo / O poeta e sua dimensão espiritual / Alvaro Moreyra / O flagelo das secas (literatura comparada) / O quarto fechado / Retrato da sociedade.

Encomendas à

LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.

PUCRS - Prédio 9 - Caixa Postal 1429

90620 - Porto Alegre - RS

## Da recorrência temática na obra de José Régio: Benilde ou a Virgem-mãe

Paulo Pereira

UFF

Para

Maria Antônia dos Santos Botelho e

Massaud Moisés,

amigos de inquietações literárias.

### 1 - RAMAIS DO ITINERÁRIO

A obra de José Régio, na vasta expressão em que se desdobrou, - poesia, conto, romance, ensaio e teatro -, manteve subjacente o veio estrutural revelador de uma alma dilemática entre o sagrado e o profano. A criação regiana, de profundas raízes na realidade portuguesa das primeiras décadas do século XX, retrata o estilhecimento do eu no choque de valores culturais entre uma herança passadista de cunho religioso e a questionadora modernidade.

O teatro de José Régio, produzido na sua maior parte na década de 40(1), revela, nas sete peças que o compõem, um mosaico prismático do percurso literário do escritor dos *Poemas de Deus e do Diabo*. E, na teatrologia regiana, formada por quatro longas peças em três atos e três peças curtas em um ato, destaca-se o drama *Benilde ou a Virgem-Mãe*. Os estudos críticos sobre o teatro regiano têm, de modo geral, apontado a importância deste texto como a mais bem realizada obra dramática do autor de *Jogo da cabra cega*.

José Régio afirma que seu teatro não pode deixar de ser o que é "em razão da própria personalidade do seu autor"(2). Esta advertência pode ser um guia no conhecimento de *Benilde ou a Virgem-Mãe*; pois, na problemática a que o drama conduz, - o dualismo entre o terreno e o divino -, destacam-se algumas das acicantes questões: o natural/sobrenatural pela via do fantástico, a fusão místico-erótica e o processo de alegorização.

2.1 Para se compreender a tradição literária do teatro português tem-se de optar por uma visão que o espelhe na totalidade. De Gil Vicente a José Régio a dramaturgia portuguesa criou símbolos que necessitam ser exorcizados no palco: da sátira social vicentina ao engajamento político em Bernardo Santareno; dos mitos da história nacional em Antônio Ferreira e Almeida Garrett ao teatro existencial de Raul Brandão; da paródia cômica em Antônio José à ambivalência alegórica em José Régio.

A dramaturgia regiana não é muito extensa, mas sua qualidade tem sido destacada quer pela especificidade teatral dos textos, quer pela carga altamente poética de sua linguagem a ponto de se afirmar que "ela ocupa o mais alto lugar na dramaturgia portuguesa contemporânea"(3). A preocupação com a organização estrutural das peças se destaca em seus subtítulos indicadores dos temas abordados: "mistério" para definir *Jacob e o Anjo*, "drama" para *Benilde ou a Virgem-Mãe*, "poema espetacular" para *El-Rei Sebastião*, "tragicomédia" para *A salvação do mundo*; sem contar a ampla individualização das três peças em um ato: "fantasia dramática" para *Três máscaras*, "farsa" para *O meu caso*, "episódio tragicômico" para *Mário ou eu próprio - o outro*.

O teatro de José Régio é, por sua natureza, um teatro de espírito clássico. Ele tem como base os princípios da poética grego-renascentista: o conceito de unidade de tempo, vindo da poética aristotélica, e os conceitos de unidade de ação de Trissino e de unidade de lugar de Castelvetro da poética renascentista.

As *dramatis personae* do teatro regiano obedecem parcialmente às regras das três unidades; entretanto o desenlace se dá de acordo com o drama moderno que, oriundo do teatro shakesperiano, codificou-se no Romantismo no *Prefácio de Cromwell*, de Victor Hugo. Por esses postulados a personagem é livre e pode atrair sobre si a vingança dos deuses através dos espectros que rondam sua liberdade ou resgatar-se pelo dom da Graça oriunda da visão cristã da Divina Providência. A essas vertentes a dramaturgia regiana "funde três linhas nela destacáveis: o alegorismo poético, o realismo-naturalismo e o experimentalismo das formas expressionistas"(4).

Cada peça do teatro de José Régio traz, obsessivamente, pelo menos um aspecto polarizador do seu conteúdo: em *Jacob e o Anjo*, é o duplo nas suas máscaras; em *Benilde ou a Virgem-Mãe*, é o fantástico associado ao alegórico que problematiza a mística erotizada; em *El-Rei Sebastião*, a divisão da personalidade em um eu e um outro que o atormenta e o faz naufragar; em *A salvação do mundo*, as profecias como sátira do poder; e nas três peças em um ato, a incomunicabilidade humana diante do mundo interior da personagem que se estilhaça no espelho da realidade exterior. Este retorno cíclico nas suas obsessões confirmam que "em todos os livros de Régio, se nos depara sempre o mesmo corpo central de motivos, de temas, de problemas, até mesmo de imagens, de obsessões. Na aresta de um diedro, em cujas duas faces se representam os seus conflitos com os humanos e os seus diálogos com Deus, Régio reafirma, em cada obra, tal situação dramática de convergência, divergência ou passagem; o que varia, de livro para livro, é a abertura do diedro, - o ângulo, em suma"(5).

2.2 *Benilde ou a Virgem-Mãe* é um texto que procura evitar o simulacro de se associar a história como uma alegoria sobre Nossa Senhora e São José de acordo com o texto bíblico em Mateus, 1:18-25. Essa obra revela antes uma constante na dramaturgia regiana que é "o símbolo Morte-Ressurreição (que) assume no teatro de Régio significados amplos que se não situam necessariamente no plano específico que lhes é dado nos evangelhos. Régio interpreta o símbolo cristão, alarga-lhe as fronteiras, subverte-o, refina-o até às últimas consequências. A morte não representa necessariamente a morte física - embora possa cenicamente 'coincidir'"(6). Pode-se, entretanto, remeter sua simbologia para a cabalística esotérica da numerologia em que o três, ao nível do sagrado, significa o pai, a mãe e o filho como metáfora da fecundidade e da reprodução. No texto estes símbolos estão metonimicamente indicados: o grito do doido vagabundo repetido três vezes desperta Benilde para o mundo sagrado do prazer; Benilde, há três anos, ia de noite para o quintal encontrar-se com o "Anjo do Senhor"; só depois do terceiro desmaio de Benilde é que Genoveva comunica o fato ao padre e ao médico.

2.3 *Benilde ou a Virgem-Mãe* tem sido vista como o acme da produção dramática de José Régio por trazer seus temas mais recorrentes: "o tema da condição do ente estranho, o tema da carnalização

da alma, o tema da morte como conhecimento, (onde) encontramos em conflito o amor divino e o amor humano, que, antes, se confundiam, e surge tornado fulcro de uma ação dramática, o tema da convicção da realidade”(7). Por outro lado, tem-se interpretado através do fantástico a situação anormal da protagonista estar grávida em perfeita virgindade como consequência do sobrenatural ocupar o espaço do natural e realizar na cumplicidade um domínio efetivo(8). Em que o par Padre Cristóvão-Eduardo representam a fé, seja por via religiosa (o padre), ou por via amorosa (Eduardo). A casa sinistra, solitária e triste criaria um ambiente propício para as anomalias de Benilde. A intervenção de Melo Cantos confirmaria a saída pelo extraordinário: “Não são estas paredes que são malditas, sou eu!”(9).

A peça indica um clima propício a intervenção do fantástico em que o sonambulismo (segundo Genoveva) ou o chamamento do Anjo (segundo Benilde), aliados à herança patológica (filha de uma louca), explicaria seu religiosismo alucinatório. Daí poder-se dizer que “Benilde padece duma força instintiva e cultural que a inscreve num espaço do sobrenatural. E este espaço ocupou e submergiu o natural”(10).

Em *Benilde ou a Virgem-Mãe* é admitido o acontecimento sobrenatural para explicar fatos que fogem ao controle social. A gravidez de uma mulher solteira como assunto tabu a nível de sanção da sociedade mostra que o questionamento central da peça se dá na duplicidade de visão em que “um defende a causa sobrenatural, o outro a natural. O hesitar entre as duas opções funda o fantástico”(11).

### 3 - VOZ E SILÊNCIO NA ESTRUTURA DO TEXTO

3.1 A estrutura global da peça é indicadora do seu amplo significado: o título induz o leitor a aceitar que Benilde possa ter sido engravidada por meio do sobrenatural. O título é, nesse caso, uma ligação entre a realidade do texto que se vai desvelando e a realidade exterior que se choca com esta visão alegórica.

3.2 A divisão da peça em três atos, sua denominação de drama, a solenidade do tema tratado, a obediência aos princípios da po-

ética clássico-renascentista de a história ocorrer no mesmo local, num curto espaço de tempo, entre familiares, mostra que se procurou visualizar, através de uma crise moral-religiosa de fundo ético-social, a *moira* que domina as personagens e as leva a adquirir, na expiação, a consciência da fragilidade humana.

3.3 José Régio na construção desse drama naturalista-religioso teve a preocupação de manter um clima solene, onde a unidade interna das cenas não criasse condições melodramáticas que resvalasse para o exagero teatral. O equilíbrio é singular na sequência de entrada de cada personagem. A linguagem é enxuta e límpida como convém a um drama que busca a revelação da Graça pela via psicológica. Daí ter sido ressaltado que a simplicidade da “linguagem de *Benilde* só pode comparar-se na nossa literatura, pela sua natural dignidade, ao *Frei Luís de Sousa*”(12).

No 1º ato os diálogos travados entre Dr. Fabrício, Padre Cristóvão e Genoveva exercem o papel de revelação da trama. É o embate entre a Fé (Padre Cristóvão), a Ciência (Dr. Fabrício) e a experiência prática da vida (Genoveva). Benilde só aparece para preparar o segundo ato, que pode ser dividido em duas partes: a primeira, uma luta surda entre a realidade mundana de Etelvina e o mundo visionário de Benilde. Há um interregno com o surgimento de Eduardo. Na segunda parte do 2º ato já não há mais diálogos dominados pela violência dos fatos como o havido entre Benilde e Etelvina, mas um longo encontro entre Benilde e Eduardo que tentam conciliar, através do amor, mundos inconciliáveis.

No terceiro ato a intriga atinge a situação limite e a ansiedade catastrófica se avoluma entre as personagens. Com a entrada em cena de Melo Cantos, pai de Benilde, a situação dramática fica mais solene, processional. O confronto de valores morais e religiosos entre as personagens cria um fosso intransponível que espelha um universo esfalecido pela mão do destino.

3.4 As didascálias da peça preparam o clima terrorífico, sombrio, prenunciador de uma situação trágica, onde as personagens convivem com espectros que surgem do próprio ambiente:

a) a ação se passa na “solidão do vasto Alentejo”(13).

b) a hora e a época do ano são propícias para o tema tratado: “É pela tarde dum dia de inverno. Entra uma luz soturna, escassa, pela fresta e pela janela, deixando na penumbra toda a cena.”(14)

c) o início dos diálogos é indicativo de um lugar ermo, abandonado: "... custa a vir até este desterro."(15)

d) a primeira cena da peça, pelo seu ar de mistério, evoca naturalmente um assunto tabu: "O padre e o médico, no mesmo dia, aqui introduzidos clandestinamente..."(16)

e) a natureza é anti-solar, participa também da ambientação soturna, estranha, que cerca a casa de Benilde: "Um silêncio. Ouve-se o vento zunir lá fora, depois abanar a porta do quintal."(17)

f) o espectro que ritualiza o ambiente é o idiota Quim Meadas - que não fala -. Mensageiro de um destino trágico a todos deixa em suspense, com seu grito inumano: "Novo silêncio. Ouve-se, neste silêncio, chegar de fora uma espécie de grito arrastado, entoadado, lúgubre, repetido três vezes. Todos, como sem querer, lhe prestam atenção."(18)

g) quando Benilde entra em transe ouve vozes e música. Esta irrealidade a afasta de todos e progressivamente cria um abismo entre seu mundo povoado de seres fantásticos e sons estranhos e o mundo natural das outras personagens: "Põe as mãos, levantando um pouco o rosto com os olhos semicerrados, imóvel. Ouvem-se então, em surdina, os primeiros compassos dum solo de violino que ninguém, senão ela, dá mostras de ouvir."(19)

h) o ato final, do desfecho e da revelação, é representado num salão em que toda decoração é propícia para uma situação de renúncias e dores: "Paredes forradas dum papel sombrio, com retratos a óleo escurecidos pelo tempo. Alguns móveis antigos. Ambiente grave e soturno."(20)

#### 4 - SUBLIMAÇÃO ERÓTICA DO SAGRADO

Em *Benilde ou a Virgem-Mãe* o universo erótico irrompe dialeticamente entre o sagrado e o profano como força instintiva. A mediação entre o religioso e o carnal, numa ação inconsciente da protagonista, demonstra que "a passagem do erotismo à santidade tem muito sentido. É a passagem do que é maldito e rejeitado ao que é abençoado e bendito"(21).

Essa obra de José Régio de íntima complexidade retrata uma crise de consciência cristã, vista dentro da problemática da sexualidade, em que há imbricado forte apelo do amor, da moral e da fé religiosa.

É possível ver o trajeto místico de Benilde como uma caminhada em direção ao erotismo, uma vez que "entre a sensualidade e o misticismo, que obedecem a princípios semelhantes, a comunicação é sempre possível"(22). Seus atos e sua fala se justificam dentro de uma fé exaltada em que a realidade exposta transcende numa transverberação que mais revela do que esconde a efusão erótico-mística do seu transe divino:

Há uns meses, as minhas visões começaram a ser mais completas: Apareceu-me o Anjo do Senhor naquele clarão entre as árvores. É verdade que eu o não via como vos vejo a vós, como vejo as pessoas, porque não chegava a distinguir-lhe as feições; e bem me esforçava por isso! Era como um vulto luminoso que me cegava... Mas eu bem sabia que era o Anjo do Senhor! Bem sabia! Algumas vezes estava calado, e outras vezes falava-me. Prometeu-me que eu teria grandes recompensas se me aperfeiçoasse cada vez mais. Era preciso que a minha fé e a minha obediência fossem completas... Uma noite, disse-me: "Aproxima-te, Benilde!" Não sei como fui para ele; mas ele tomou-me como se eu fosse uma pena, e senti-me arrebatada no ar por um vento de fogo, por uma força que me trespassava e me fazia desaparecer de mim mesma... Pus-me a gritar, porque não podia suportar aquela felicidade! Mas não ouvia nenhum som sair da minha boca, e ele disse-me: "Não tenhas medo, Benilde! Não te sentes feliz por o Senhor te ter escolhido?" Eu respondi: "Sou feliz! sou feliz!" e desejava morrer nesse momento, e parecia-me que ia morrer...(23)

Ao descrever seu encontro com o "Anjo do Senhor", Benilde, como Santa Teresa de Jesus em *Las Moradas*, transcende a mística na plenitude do gozo erótico a que se refere Marie Bonaparte em estudo já clássico(24).

Pode-se dizer que a peça insinua um forte recalque na relação entre Benilde e seu pai. Ela teria um sentimento de culpabilidade pela morte da mãe louca e pelo pai, um misantropo, optar por viverem num lugar ermo. As provações que considera necessárias passar talvez expliquem sua crise de consciência moral. Já que "a interpretação dos fenômenos religiosos, baseada sobretudo nos dados da tradição judaico-cristã, gira em torno do conflito edípiano"(25). A relação narcisista como o pai severo e todo poderoso cria, por transferência de afe-

to, uma neurose obsessiva pela religião em que a idéia de pecado, de tabu, revela a dependência afetiva:

MELO CANTOS: Quanto a levarem Benilde de esta casa... É a casa em que nasceu, e em que sempre tem vivido. Não vejo em que estas paredes e o retiro a que nos acolhemos lhe tenham feito mal!

Por agora, preferia tê-la aqui o pouco tempo que ainda ma deixem. A não ser que tu própria, Benilde... Achas que te fará bem ir?... És tu que queres ir?

BENILDE: Não pai. Por minha vontade, nunca o deixarei(26).

Nesse estado de "masoquismo moral", dominada pela necessidade de explicar-se e defender seu Deus, Benilde, presa a uma crença exagerada e aterrorizada pelo temor de um castigo divino, interioriza as forças repressivas que encontra no seu caminho. A saída é transgredir o interdito que transcende a passagem em que o "erotismo é o desejo que triunfa da proibição"(27), ocorrendo a identificação do vagabundo doido com o Anjo do Senhor:

ETELVINA: Benilde, que idéia horrível!... Que horror! Não posso crer... Será possível?!... O vagabundo?... Tu desceste a isso?!...

BENILDE: O Enviado do Senhor chama-me... Está no escuro das árvores; mas eu vejo a sua claridade no chão. Vou... Devo ir! não posso deixar de ir!... Ele toma-me nas asas... arrebatame... voamos juntos. O céu abre-se... é como se eu morresse de felicidade...(28)

Em *Benilde ou a Virgem-Mãe* o sexo e a religião estão em esferas separadas. Para as personagens castas e puras o sexo aparece como "protótipo do pecado, fonte primária de todo mal e impureza"(29). Quando Benilde viola o interdito ficando grávida, as leis desse mundo que impede a transgressão social exige, simbolicamente, a transferência da esfera humana para a divina:

ETELVINA: Benilde pedi-te para não dissimulares comigo. Bem sabes que o Dr. Fabrício, para teu bem, me pôs ao corrente do teu estado. O teu pai é que ainda ignora tudo. Queremos que nunca chegue a saber nada. Mas é preciso que cases com esse homem...

BENILDE: Homem...?! Não sei de que homem a tia fala! Se eu casasse com algum homem, casava com o Eduardo.

ETELVINA: Bem sabes que tornaste este casamento impossível. Trocaste o Eduardo não sei por quem.

BENILDE: Por Deus. Só pelo amor de Deus trocaria o do Eduardo(30).

Portanto, a união carnal de Benilde se dá pela via mística que torna o sobrenatural equivalente ao natural. A insistente e sincera negativa da heróina de que não foi engravidada por um homem, mas pelo Anjo do Senhor, se justifica com base na afirmativa do seu confessor de que "nada é impossível a Deus". Criada num ambiente severo, numa fé exaltada, Benilde faz a transferência do seu desejo erótico reprimido e o sacramenta na sua mística sensual, sem tabu, em que o ato da cópula simboliza sua entrega a Deus.

Fruto de uma educação castradora que utiliza uma "fé exaltada" em que a mãe era considerada "uma santa" e "inclinada à religião", filha "dum misantropo excêntrico", criada "sem quase conhecer ninguém", que "tem a alma pura como a duma criancinha" e que "foi escolhida por Deus", Benilde sublima seu sensualismo e busca explicá-lo pela visão mecânica da fé que lhe transmitiu seu confessor:

Pe. CRISTÓVÃO: E ela? que disse?

Dr. FABRÍCIO: O que ela disse não é o menos espantoso! ou é o mais curioso. Representou admiravelmente uma comédia nada vulgar. Teve uma saída que só podia ocorrer à imaginação duma histórica, filha doutra, e educada de criança a ouvir falar em religião e milagres...

Pe. CRISTÓVÃO: Cale-se, Doutor. Quando era mais novo, eu lia alguns livros. Ainda agora, de longe em longe, folheio algum. Li em qualquer parte que nem a própria ciência aceita hoje essas explicações simplistas e dogmáticas...

Dr. FABRÍCIO: Disse que, se era verdade que ia ter um filho, não podia deixar de ser isso um grande milagre do amor de Deus; pois não podia ter um filho de homem nenhum, não conhecia homem nenhum!

Pe. CRISTÓVÃO: Deus seja louvado!

Dr. FABRÍCIO: Que pensa o Pe. Cristóvão a respeito de tudo isto?

Pe. CRISTÓVÃO: O que pode pensar um crente a respeito das coisas que ultrapassam a nossa razão: Nada é impossível a Deus(31).

A exaltada forma de "amor de Deus", fruto da "violência da se-xofobia cristã", faz com que Benilde viva entre o real e o imaginário.

Por isso, recalca o ego através do princípio de realidade e transforma a transgressão interdita do seu sensualismo erótico em sanção social por meio da santificação mística.

## 5 - A TRANSITORIEDADE COMO SÍMBOLO NO ALEGÓRICO

Em *Benilde ou a Virgem-Mãe* o alegórico aparece como símbolo desestruturador da máscara social em que o dizer o outro da história significa ir além do retrato cultural que se quer traçar. E como "toda a obra de Régio se pode reduzir, na verdade, a um diálogo entre o Eu iluminado pela Graça (que surge representado, no seu teatro e na sua obra de pendor mais dramático, por um Anjo, ou Arcanjo, por um bobo, um Pierrot, um Gênio da Floresta ou um Sapateiro Santo) - e o Outro, de condição temporal humana"(32), Benilde simboliza com seu ato sacrificial a extinção de um universo construído na dualidade interpretativa dos valores sagrados. Por isso a expiação de que se acha imbuída, como uma provação exigida por Deus, revela o quanto da *Felix culpa!* do pecado original, transpassa no ritual de sacrifício que a envolve.

A estrutura dialética da obra refaz seu percurso alegórico de "ricos conflitos culturais"(33). Revela-se então a antinomia e circularidade do texto entre o que é dito - interagido no natural/sobrenatural -, e o senso comum que não o absorve.

A ambientação noturna e melancólica permite deflagrar o espírito de desolação característico do alegorês. O retrato psicológico da protagonista mostra que o clima saturnino dominava sua mente imaginativa. Fragmentam-se mundos diferentes que contrapõem divino e terreno que não se emblematizam nos mesmos valores. A imaginação de Benilde é um polo de atração e repulsão. Esse mundo obsessivo e visionário que se estilhaça diante da realidade exterior é em parte absorvido. Sentindo-se livre do cerceamento moral - seus atos seriam emanações divinas -, Benilde enfrenta os embates terrenos aguardando na sua inocência o resgate pela via do Absoluto.

Vê-se que a linguagem esotérica empregada por Benilde a distancia alegoricamente das outras personagens que se mantêm fora deste mundo simbólico que ela encarna:

Dr. FABRÍCIO: Vejamos, Benilde! Ponha de parte essa linguagem aprendida nos seus livros de devoção!

ETELVINA: Tu lá sabes com que graças extraordinárias Deus te distingue! Mas deixemos agora essa linguagem.

MELO CANTOS: Bem, deixa essa linguagem(34).

Benilde nos interlúdios com as outras personagens quer mostrar que continua imaculada dentro da concepção da virtude cristã. Não importa aos olhos dela que as outras figuras não percebam sua dimensão como símbolo da ação de Deus na terra. O que importa, em termos alegóricos, é que quanto maior for a provação melhor preparada estará para ser admitida no reino de Deus. Pois, pela revelação simbólica do "Anjo do Senhor", poderá manter seu corpo livre da mácula corruptora do desejo carnal:

BENILDE: Não tenho amante. Não conheço homem nenhum. Se vou ter um filho, é porque Deus me concedeu a sua divina graça, e o quis provar dessa maneira. Também já estou vendo que também me quis experimentar, sujeitando-me ao que vai ser uma grande provação. Louvado seja Deus!(35)

A ritualização que envolve a personagem encaminha o desenlace para a purgação na morte.

Os espectros em *Benilde ou a Virgem-Mãe* se ligam à economia do texto em que o elemento cênico se articula bissemicamente: de dia no aparecimento do vagabundo idiota em momentos de grande tensão dramática; de noite no contacto de Benilde com o "Anjo do Senhor". Deve-se observar a diferença existente entre esses dois espectros: o primeiro do reino dos vivos, o segundo do mundo sobrenatural. A fusão entre os dois altas horas da noite santifica a relação sexual. O conflito se dá porque entre o mundo dos espectros em que vive Benilde e o mundo da realidade cotidiana das outras personagens não existe possibilidade de coexistência:

BENILDE: Sei que vou morrer, foi a Voz que mo disse. Cumprido em mim o grande milagre do Senhor, eu sempre soube que não sobreviveria. Há umas poucas noites que a voz me fala: "Benilde, tem a tua alma preparadinha. Serás chamada um dia destes..." Já vêes que eu não podia aceitar nenhuma das tuas propostas! Nem a de hoje, Eduardo. Para mim, acabaram-se as aparências desta vida.

EDUARDO: Está bem, Benilde. Não poderás arrancar-te a mim se não morreres; nada, entendes? nada! E se morreres, como dizes, seguir-te-ei. Não posso viver depois de te ter conhecido e perdido(36).

O cristianismo que envolve Benilde e seu confessor, Padre Crístóvão, é de tendência barroco-medieval, de espírito fatalista, dominado por contrastes opositivos, carregado de teatralidade, em que a entrega do corpo e o sofrimento espiritual da maceração da alma são um adereço cênico necessário ao triunfo da alegoria nas *dramatis personae*:

BENILDE: Eduardo! por piedade!

EDUARDO: Tu é que precisas de ter piedade de mim e de ti própria.

BENILDE: Queres ser tu a fazer-me passar pela provação mais dolorosa?

EDUARDO: Quero, sim! quero; quero fazer-te sofrer.

BENILDE: Pois então, não és tu que o queres. Tu não podes querer atormentar-me. É Deus que se serve de ti. Afinal... Mas tarde ou mais cedo havia de ser. A vontade de Deus seja feita! Ele me dê forças(37).

Um dos enigmas que transcende *Benilde ou a Virgem-Mãe* é o fato de a heroína não aceitar nenhuma das ofertas que lhe são apresentadas para manter as aparências sociais e livrá-la do estigma de mãe solteira. Benilde não se sente culpada, mas predestinada, marcada por uma estrela divina que necessita da sua penitência, da sua auto-flagelação, para se cumprir a transitoriedade das coisas terrenas. Desprendida dos valores que a coagem socialmente ela caminha para o fogo sagrado do sacrifício, crente na sua fé, distanciada das realidades do presente, considerando-se portadora dos deveres do ritual para que fora escolhida:

BENILDE: Eduardo, havemos de tornar a ver-nos. Até nos tornarmos a ver!

EDUARDO: Padre..., ela vai morrer!

Pe. CRISTÓVÃO: E se morrer? Será conforme Deus mandar. Não há morte para quem crê! só há passagem deste mundo; e há seres que não são deste mundo...

EDUARDO: Sim, há... há seres que não são deste mundo! Mas este mundo ficaria mais pequeno se eles não passassem por cá(38).

A natureza culpada do cristianismo que Benilde encarna, como criatura que perfaz o périplo angustiante da queda do homem, não encontra sentido no mundo material e busca simbolizar a transitoriedade da vida através da significação alegórica da ressurreição.

A criação regiana, com sua ânsia de Absoluto, busca, talvez, um paradigma simbólico para exorcizar os fantasmas que a povoam. E como *Benilde ou a Virgem-Mãe* encarna "como ática simplicidade e pungente depuração (a) temática nuclear do autor"(39), pode-se dizer que o choque entre o Bem e o Mal que, num eterno retorno, a percorre, mostra que essa obra soube captar a messiânica tradição de profecias que em pleno século XX percorrem as mais caras tradições portuguesas.

## NOTAS

- 1 - AMARO, Luís. Subsídios para uma bibliografia do movimento presencista. In: MOURÃO-FERREIRA, David. Apresentação. *Presença*: folha de arte e crítica. Publicação comemorativa do cinquentenário da fundação da Presença. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, junho de 1977, p. 68-71. Reeditado. \_\_\_\_\_ . Esboço de uma bibliografia de José Régio. In: LISBOA, Eugénio. *José Régio - a obra e o homem*. 2 ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986, p. 255-262.
- 2 - RÉGIO, José. Nota preambular. In: \_\_\_\_\_ . *El-Rei Sebastião*. 2 ed. Porto, Brasília Editora, 1978, p. XII.
- 3 - REBELLO, Luiz Francisco. *História do teatro português*. 2 ed. Lisboa, Europa-América, 1972, p. 109.
- 4 - SENA, Jorge de. Oito estudos sobre José Régio. In: \_\_\_\_\_ . *Régio, Casais, a "presença" e outros afins*. Porto, Brasília, 1977, p. 158.
- 5 - MOURÃO-FERREIRA, David. *Presença da "presença"*. Porto, Brasília, 1977, p.120.
- 6 - LISBOA, Eugénio. Morte e ressurreição na obra de José Régio. In: COUTO, J. Silva (Org.). *In memoriam de José Régio*. Porto, Brasília, 1970, p. 173.
- 7 - SENA, Jorge. Op. cit. p. 110.
- 8 - FÁRIA, Duarte. *Metamorfoses do fantástico na obra de José Régio*. Paris, Calouste Gulbenkian, 1977, p. 64-68.
- 9 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. 2 ed. Lisboa, Portugalia, 1971, p. 151.
- 10 - FÁRIA, Duarte. Op. cit. p.68.
- 11 - BOTELHO, Maria Antónia dos Santos. *A poética do teatro de José Régio*. (tese policopiada submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Livre Docente). Abril de 1974, p. 14.

- 12 - LOPES, Óscar. José Régio. In: \_\_\_\_\_. *Modo de ler. Crítica e interpretação literária/2*. Porto, Inova, 1969, p.405.
- 13 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p.7.
- 14 - Idem, p. 9.
- 15 - Ibidem, p. 11.
- 16 - Ibidem, p. 14.
- 17 - Ibidem, p. 14.
- 18 - Ibidem, p. 33.
- 19 - Ibidem, p. 62.
- 20 - Ibidem, p. 119.
- 21 - BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2 ed. Lisboa, Moraes, 1980, p. 233.
- 22 - Idem, p. 220.
- 23 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p. 160-161.
- 24 - BATAILLE, Georges. Op. cit. p. 201.
- 25 - LAGACHE, Daniel. *A psicandlise*. 4 ed. Rio de Janeiro, Difel, 1978, p. 115.
- 26 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p. 129-130.
- 27 - BATAILLE, Georges. Op. cit. p. 228.
- 28 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p.86-87.
- 29 - BRIFFAULT, Robert. Do sexo para o amor na religião. In: FREUD et alii. *Anatomia do amor*. Rio de Janeiro, Bruguera / s.d. / p.31.
- 30 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p. 78-79.
- 31 - Idem, p. 54 e 56-57.
- 32 - LOPES, Óscar. Op. cit. p.372.
- 33 - BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 220.
- 34 - RÉGIO, José. *Benilde ou a Virgem-Mãe*. p. 63,78 e 145.
- 35 - Idem, p. 83-84.
- 36 - Ibidem, p. 178.
- 37 - Ibidem, p. 126-127.
- 38 - Ibidem, p. 180-181.
- 39 - LISBOA, Eugénio. *José Régio - uma literatura viva*. Biblioteca Breve, v. 22. Instituto de Cultura Portuguesa/Secretaria de Estado da Cultura/MEC, 1978, p.60.